



## BARTOLOMEU DE LAS CASAS E JOSÉ DE ACOSTA: UM ESTUDO COMPARATIVO SOBRE SEUS MÉTODOS DE EVANGELIZAÇÃO

(Bartolomeu de Las Casas and José de Acosta:  
a comparative study of their evangelization methods)

**Fernando Cardoso Bertoldo**

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)

E-mail: nandobertoldo@hotmail.com

### RESUMO

O presente trabalho consiste de uma análise comparativa entre o tema a persuasão da fé segundo o frei dominicano Bartolomeu de Las Casas em sua obra 'O único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião' e a obra *De Procuranda Indorum Salute* Jose de Acosta. O Texto de Las Casas sintetiza a profunda visão teológica do evangelho de Las Casas, da evangelização ligada à promoção da justiça e da solidariedade entre os povos. No texto *De Procuranda Indorum Salute* destaca-se o importante trabalho realizado pelo jesuíta Jose de Acosta, nos seus vinte anos de serviço em terras americanas, principalmente na evangelização e catequização dos indígenas e na sua crítica aos modelos de evangelização empregados até então. Dizia que além de não conseguir alcançar os objetivos propostos, a doutrinação dos índios também não conseguiu acabar com a idolatria presente nestes povos. Esta é a bandeira que Acosta irá levantar e que faz dele um dos primeiros e grandes pensadores das novas terras americanas.

**Palavras-chave:** Evangelização; Catecismo; Idolatria; Persuasão; Amor ao Próximo.

### ABSTRACT

The present work consists of a comparative analysis between the theme of persuasion of the faith according to the Dominican friar Bartolomeu de Las Casas in his work 'The only way to attract all peoples to the true religion' and the work *De Procuranda Indorum Salute* Jose de Acosta. The text of Las Casas sums up the deep theological vision of the Gospel of Las Casas, evangelization linked to the promotion of justice and solidarity among peoples. In the text *De Procuranda Indorum Salute*, the important work carried out by the Jesuit Jose de Acosta in his twenty years of service in American lands is highlighted, especially in the evangelization and catechization of the Indians and in their critique of the models of evangelization employed until then. It said that besides not being able to reach the proposed objectives, indoctrination of the Indians also could not end the idolatry present in these peoples. This is the flag that Acosta will raise and that makes him one of the first and great thinkers of the new American lands.

**Keywords:** Evangelization; Catechism; Idolatry; Persuasion; Love of neighbor.



## INTRODUÇÃO

### 1. BARTOLOMEU DE LAS CASAS E SEU TEMPO

#### 1.1 PROBLEMAS DA COLONIZAÇÃO

Frei Bartolomeu de Las Casas foi um religioso da ordem dos dominicanos que viveu na América Latina na década de 1520. Fez parte da Escola de Salamanca fundada pelo mestre dominicano Francisco de Vitoria. As principais vozes da teologia da América Latina estão na Escola de Salamanca. No século XVI os cinco colégios mais importantes, formando uma rede jesuíta, eram em: Roma, Salamanca, Coimbra, Praga e Lima. Podemos dizer que, já neste tempo, os jesuítas trabalhavam em rede, seu mundo era amplamente comunicado.

A teologia e o trabalho de Francisco de Vitoria foram a mais importante inspiração para Bartolomeu de Las Casas. Os temas centrais do estudo deste autor giraram em torno da conquista e da questão da guerra justa. O texto “O *único modo* de atrair todos os povos à verdadeira religião” é sobre a evangelização e será objeto de estudo para o presente trabalho. Este notável dominicano espanhol dedicou grande parte de sua longa existência (1484-1566) ao firme objetivo de proteger a vida, cultura e independência dos nativos do Novo Mundo.<sup>1</sup> No seu esforço por influenciar a monarquia espanhola para que esta não só decretasse, mas também aplicasse leis humanitárias que resultassem na conversão dos nativos ficaram famosas as suas “disputas apoloéticas” contra o filósofo aristotélico espanhol Ginés de Sepúlveda favorável à escravidão dos índios.<sup>2</sup>

Filho de um modesto comerciante espanhol, Bartolomeu de Las Casas nasceu em Sevilha em agosto de 1474. Participou da segunda viagem de Cristóvão Colombo para as Índias motivado pelo empobrecimento de seu pai<sup>3</sup>. Ao retornar a Sevilha adquiriu sólidos conhecimentos de latim, talvez em preparação ao clericalo<sup>4</sup>. Partiu para a Ilha Espanhola (hoje, República de São Domingo ou Haiti), em 1502 ou 1503, chegando em 15 de abril. Como a maioria, Bartolomeu estava motivado pelo espírito aventureiro e explorador de riquezas, logo se adaptando ao entusiasmo do grande movimento da colonização.

As condições das colônias vinham ao encontro dos interesses dos colonizadores, as terras eram consideradas “coisa de ninguém” e por isso podiam ser ocupadas e, se necessário, invadidas a mão armada<sup>5</sup>. E a população nativa, chamada de os “Índios” era considerada mão de obra gratuita que deveria ser apenas mantida e guiada para execução do trabalho em prol dos fiéis católicos e espanhóis<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> cf. INSTITUTO DE COOPERACIÓN IBEROAMERICANA. *El seminário em el V centenario de Bartolomeu de Las Casas (1484-1566)*. p.7.

<sup>2</sup> NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. *Bartolomeu de Las Casas, um cidadão universal: uma questão de alteridade com os povos do novo mundo*. p.13.

<sup>3</sup> cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. *Breve biografia de Fray Bartolomé de Las Casas*. p.8

<sup>4</sup> cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. *Breve biografia de Fray Bartolomé de Las Casas*. p.9.

<sup>5</sup> cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. *Breve biografia de Fray Bartolomé de Las Casas*, p.10.

<sup>6</sup> cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. *Breve biografia de Fray Bartolomé de Las Casas* p.10.



## 1.2 O SISTEMA COLONIAL E OS MISSIONÁRIOS DOMINICANOS

Em 1503 é aprovado o sistema das encomendas que era “a forma de apropriação e cultivo da terra, consistindo em atribuir a um colono uma porção de solo e a parte da população indígena que nele habita, para que trabalhe gratuitamente para o feliz encomendero”<sup>7</sup>. Bartolomeu de las Casas viajou depois a Roma, onde terminou os estudos e se ordenou sacerdote em 1507. Isabel de Castela, a rainha a quem o papa dera licença para se intitular "A Católica", considerava a evangelização dos índios uma importante justificativa para a expansão colonial e, como tal, insistia para que sacerdotes estivessem entre os primeiros a se fixarem na América.

Em 1510, Bartolomeu de Las Casas retornou a Ilha Espanhola, agora como missionário. O almirante Diego Colón lhe concedeu uma excelente fazenda, um *repartimiento* ou *encomienda* de índios, dedicando-se assim ao trabalho pastoral. Os dominicanos contrários à *encomienda*, dados os abusos cometidos contra os índios, não mudaram sua opinião, mas frei Bartolomeu defendia a instituição. Esse sistema de colonização vai conhecer sua primeira contestação e passará pelas primeiras turbulências com a vinda dos Frades Dominicanos em 1510<sup>8</sup>. Estes não apenas condenam os grandes desvios dos conquistadores, mas exigem um novo modelo de colonização orientado pela justiça social e inspirado na fraternidade evangélica<sup>9</sup>.

Em 21 de Dezembro de 1511, Bartolomeu escutou o célebre Sermão do Advento por Frei António de Montesinos, no qual este defendia a dignidade dos indígenas e um começo de um esforço de humanizar a colonização. Mas na prática, apesar do célebre discurso, acabou prevalecendo o espírito de acomodação no mundo eclesiástico e civil<sup>10</sup>. O profundo impacto daquela pregação e o efeito da presença e da atitude missionária dos dominicanos se concretizará na conversão de Las Casas. Aquele discurso levou Bartolomeu de las Casas a uma nova atitude, e ele passou a pregar contra o sistema de *encomienda*, denunciando-o como injusto.

## 1.3 NOVA ETAPA NA VIDA DE BARTOLOMEU DE LAS CASAS

Neste momento Bartolomeu de Las Casas já é sacerdote (um bom padre colonizador) entra em contato com os Dominicanos em 1510. O clérigo Las Casas foi o primeiro presbítero ordenado no Novo Mundo. Apesar de apreciar a vida e doutrina dos frades, mantém distância no que diz respeito à justiça social por ser um homem consagrado à causa da colonização. Mas Las Casas apesar de ser um modelo para os demais colonizadores, nutre certa simpatia

---

<sup>7</sup> cf. FERNANDEZ, Manuel Gimenez. *Breve biografía de Fray Bartolomé de Las Casas*, p.11.

<sup>8</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atraír os povos a verdadeira religião*.p.12.

<sup>9</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atraír os povos a verdadeira religião*.p.12.

<sup>10</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atraír os povos a verdadeira religião*. p.13.



pela população do país. Ele se converte a causa dos índios e da Justiça social em 1514. No primeiro momento, tenta conciliar a competência dos europeus com a capacidade de trabalho dos habitantes da América. No entanto suas experiências religiosas terminam em banho de sangue entre os colonos espanhóis e os índios. Esse fracasso dá um novo rumo a vida de Las Casas, em 1521 que assume a inteira responsabilidade pelo o ocorrido, pretende retomar a experiência com mais amor e cuidado, sofrendo neste momento ainda mais influencia dos dominicanos<sup>11</sup>. Resolve entrar para a Ordem dos Dominicanos.

Após a sua conversão considerava, então, que os únicos donos do Novo Mundo eram os índios, e que os espanhóis só deviam ir para lá para o trabalho de conversão. Renunciou a todas as suas *encomiendas* e iniciou uma campanha de defesa dos índios, mostrando tudo o que havia de injusto do sistema. Os encontros de Las Casas com reis, com ministros e cos conselheiros são inspirados por sua ação apostólica numa especie de espiritualidade do diálogo e mesmo da discussão.<sup>12</sup> A justiça social na visão, na ação e na luta de Las Casas foi “uma lição que ele dá por sua caminhada progressiva, pela coerência de sua vida que vai amadurecendo, vendo sempre melhor, e melhor realizando as exigências da justiça social, dentro ou no confronto com um sistema que ele procura analisar, criticar e se possível modificar”<sup>13</sup>. É importante salientar que na raiz da ação apostólica e social de Las Casas, segundo Frei Carlos Josaphat, encontra-se um grande projeto com os seguintes objetivos: 1) “estabelecer contato fraterno entre povos América e Espanha, em uma base de estima e de respeito mútuo; 2) criar comunidades visando reconhecer e praticar a igualdade de direitos e valorização das culturas em suas diferenças; 3) juntar evangelização e promoção da justiça, em um clima de liberdade, de maneira que os Índios possam aceitar ou recusar a fé que lhes é proposta”<sup>14</sup>.

## 2. SOBRE A QUESTÃO DA PERSUASÃO DA FÉ EM LAS CASAS

A conclusão ou tese fundamental do frei Bartolomeu de Las Casas posta no Capítulo Primeiro do livro *Único Modo* de atrair os povos à verdadeira religião, Obras completas, consiste em que

O modo estabelecido pela divina Providência para ensinar os homens à verdadeira religião foi único, exclusivo e idêntico para todo o mundo e todos os tempos, a saber: com razões persuadir o entendimento e com suavidade atrair e exortar a vontade. E deve ser comum a todos os habitantes da terra, sem discriminação alguma em razão de seitas, erros ou costumes depravados<sup>15</sup>.

A conclusão desta afirmação é desenvolvida ao longo da obra por muitas provas: como por razões; pelos modelos da Escritura; pelos modelos dos antigos Padres; pela missão e pela

---

<sup>11</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*. p.15.

<sup>12</sup> cf. CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*.17.

<sup>13</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*. p.19.

<sup>14</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*. p. 22.

<sup>15</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*.p.59.



forma de pregar estabelecida ao longo da vida de Cristo; pelos Apóstolos; por testemunhos dos santos doutores, pelo costume antiquíssimo da Igreja e pelos numerosos decretos da mesma. Pretendemos com este estudo prestar mais atenção às demonstrações do modo mediante razões e pela persuasão e suavidade pelos exemplos da Escritura.

## 2.1 DEMONSTRAÇÃO DO ÚNICO MODO MEDIANTE RAZÕES

O primeiro argumento exposto por Las Casas diz respeito ao modo único próprio à sabedoria Divina de, com delicadeza, doçura e suavidade mover as criaturas racionais, os homens, às atividades e operações. Portanto em assim sendo o modo da sabedoria Divina de atuar, também o modo humano de encaminhar à verdadeira religião deve acontecer da mesma forma. Igualmente o modo é único conforme à natureza e à condição da criatura racional que por causa da liberdade de seu arbítrio deve escutar, obedecer e dar sua adesão voluntariamente. Aduz ainda que a proposição menor desta causa esta em que a doçura atrai enquanto a dureza afasta.

A fé pressupõe o querer, não podendo ser imposta e isso não se pode conseguir se as verdades da fé cristã não forem postas de forma delicada, doce e suave. O modo de ensinar a fé e a religião deve ser, também, persuasivo com relação à inteligência. A vontade deve ser atraída e exortada, pois a vontade determina o intelecto aduz Las Casas segundo São Tomás. Finaliza afirmando Las Casas que “Logo é verdade, é muitíssimo verdade, que o modo de ensinar e encaminhar ou atrair à fé e à religião cristã aqueles que estão fora dela, há de ser persuasivos para a inteligência e atraente, estimulante e exortativo para a vontade”<sup>16</sup>.

No que concerne à harmonia da inteligência e da vontade no ato de fé, prossegue o autor, que se faz necessário possibilitar tempo, tranquilidade e sossego para que a razão discorra livre e suficientemente e daí a inteligência julgue e admita que aquilo é verdade.<sup>17</sup> Seria uma grata persuasão para a inteligência e um convite atraente para a vontade, fundamenta estas ideias na doutrina de Santo Tomás de Aquino. Essa doutrina é provada considerando que o desejo e o amor vêm do conhecimento, ou seja, não amamos aquilo que não conhecemos. Na sequência dos argumentos elencados pelo autor, que com sua boa formação de jurista, tenta provar uma única forma de pregar a fé católica, traz a importância da retórica na comunicação da fé e relembra Santo Agostinho ao afirmar que o pregador da verdade “deve conquistar o ânimo de seus ouvintes, torná-los bem dispostos, ensinar, deleitar e convencer os dóceis e atentos”<sup>18</sup>.

Aborda, ainda, a semelhança dos caminhos da fé e da ciência, no sentido de que o modo de encaminhar os homens à religião cristã deve ser semelhante ao modo de levá-los a ciência, ambas pressupõem algo no ser humano. A ciência são os princípios universais e a fé pressupõe o conhecimento que se pode ter de Deus nesta vida e o desejo natural do bem e da ciência, pois qualquer doutrina e aprendizagem partem dum conhecimento prévio.

---

<sup>16</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*. p.69.

<sup>17</sup> cf. CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*. p.73.

<sup>18</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*. p.80.



Esta aprendizagem, tanto da ciência como da fé, o ‘hábito de princípio’ menciona o autor, precisa de um guia e deve ser adquirida pouco a pouco, o que Las Casas denomina como a ‘paciente pedagogia da fé’. Ilustra também suas razões por exemplos de filósofos que demonstram a fundamentação do método ‘lascasianos’.

## 2.2 DEMONSTRAÇÃO DO ÚNICO MODO DA PERSUASÃO PELOS EXEMPLOS DA ESCRITURA

Nesta etapa da obra, Las Casas traz mais uma argumentação para demonstrar a validade do modo de ensinar e instruir os homens na fé e na religião que seja persuasivo para o entendimento e suavemente atrativo, motivador e exortativo para a vontade pelos exemplos da Sagrada Escritura. O ponto de partida são os patriarcas e os justos da Bíblia, que devem ser seguidos como modelo pela forma com que ensinaram aos homens a verdadeira religião e conservaram durante todos os tempos seguintes na Igreja de Deus em meio a todas as suas situações. Uma só e a mesma é a fé dos antigos e dos modernos e, ”por conseguinte, é conveniente que seja uma só maneira de ensiná-la”<sup>19</sup>.

O seu modo de ensinar era na forma de exortação paterna: pacífico, suave, tranquilo, agradável, exortatório, pausado, não repentino ou turbulento. Modo este utilizado por aqueles dotados de prudência, exortando a segui-lo, pois vem ao encontro do único modo de persuasão defendido por Las Casas. Traz diversas passagens da Sagrada Escritura para demonstrar a aplicação desse modo quando fala sobre os ensinamentos e atitudes de Judá e de seus filhos dentre estes Zabulon, o patriarca Dan, Neftali, Aser, José dentre outros.

Depois dos doze patriarcas dá ênfase a Moisés como o “mais paciente de todos os homens”<sup>20</sup> e que inaugura a longa escola dos sábios e reis de Israel. Apresenta as palavras de Moisés para demonstrar como este usou, ao ensinar, a lei de Deus, a religião e seu culto de um modo persuasivo para o entendimento, atrativo e exortativo para a vontade. Ilustra com o exemplo de outros reis como Josias, o ancião Tobias e ressalta que nos livros sapienciais *Provérbios*, *Eclesiastes*, *Cântico dos Cânticos*, *Sabedoria* e *Eclesiástico* é possível encontrar o modo paternal de ensinar os homens.

Encerra com os profetas, gestos e oráculos, concluindo que o modo de ensinar usado pelos santos Padres e seus sucessores ao propor a fé, foi persuasivo para o entendimento e atrativo, motivador, exortativo para a vontade logo. Prossegue Las Casas, é o modo que deve ser totalmente seguido no ensinamento da fé e da religião cristã.

## 3. A EVANGELIZAÇÃO NO NOVO MUNDO

O regime de conquista e encomiendas espanhola no Novo Mundo cresciam de forma acelerada. O projeto de colonização estava alicerçado no fundamento religioso. A religião e a política estavam unidas pelo regime de Padroado entre a Igreja e a Coroa Espanhola. E, no fim dos vinte primeiros anos de conquista, as encomiendas se contavam aos milhares, do mesmo modo que se multiplicavam as Paróquias e as casas religiosas. Já a partir de 1510,

<sup>19</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*.p.103.

<sup>20</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*.p.116.



estabeleciam-se vários bispados. No início, o contato dos colonizadores com os indígenas aconteceu de forma pacífica. Contudo, com o passar do tempo, os colonizadores começaram a empreender uma conquista armada e sanguinária, submetendo os nativos pela força das armas europeias, e despojando-os de quaisquer tesouros que fossem encontrados.

Em vista das atrocidades que estavam sendo cometidas, reis e papas legislaram a favor dos índios, mas com pouco efeito, pois o controle sobre as províncias do além-mar era muito difícil. Os abusos continuariam ao longo da história da colonização. A sua presença se justifica porque entre os objetivos da Conquista estava a cristianização dos povos dominados. Muitos destes missionários foram complacentes com o uso da violência e se beneficiavam da exploração dos índios. Por decisão do superior da Ordem Dominicana em 1508, propõe-se o envio de missionários dominicanos espanhóis para a América. Aqui chegados em 1510, os religiosos, formados pela escola humanitária de Salamanca, logo percebem a violência e atrocidades com que eram tratados os indígenas.

No celebre sermão de Frei Antônio de Montesinos pregado no quarto domingo do Advento de 1511, esta situação começa a ter outro olhar. Pela força e dureza de suas palavras, Montesinos critica o modelo de violência empregado contra os indígenas.

A sua presença se justifica porque entre os objetivos da Conquista estava a cristianização dos povos dominados. Muitos destes missionários foram complacentes com o uso da violência e se beneficiavam da exploração dos índios. Por decisão do superior da Ordem Dominicana em 1508, propõe-se o envio de missionários dominicanos espanhóis para a América. Aqui chegados em 1510, os religiosos, formados pela escola humanitária de Salamanca, logo percebem a violência e atrocidades com que eram tratados os indígenas. No celebre sermão de Frei Antônio de Montesinos pregado no quarto domingo do Advento de 1511, esta situação começa a ter outro olhar. Pela força e dureza de suas palavras, Montesinos critica o modelo de violência empregado contra os indígenas.

Estas palavras abalaram por um momento os colonizadores e as autoridades, a começar pelo Governador, pois toda a população tinha sido convidada a escutar a pregação do frade. Foram o começo de um esforço de humanizar a colonização, impelindo à promulgação de novas leis.<sup>21</sup>

Mas o grande efeito renovador da presença e da atitude dos dominicanos se concretizará e se perpetuará na história com a conversão de um sacerdote de origem espanhola, chamado Bartolomeu de Las Casas, que mais tarde, se tornará também dominicano. Este último, de sacerdote e fazendeiro de então, tornar-se-á um dos maiores defensores das populações indígenas no Novo Mundo, contrário ao método de violência empregado até então. Bartolomeu “considerou as injustiças infligidas aos Índios, a iniquidade praticada na escravidão deles e na invasão de suas terras”.<sup>22</sup> Sua conversão aparece como um processo racional livre, fundado no Evangelho e no espírito de justiça e solidariedade que move o ser humano a fazer o bem ao semelhante. Buscará promover o direito dos índios, sem deixar de trabalhar para o bem dos compatriotas espanhóis. Las Casas, num primeiro momento, quer juntar a competência dos europeus e a capacidade de trabalho dos indígenas, irmaná-los numa grande família e comunidade. Mas, “como lançar e fazer prosperar pequenas unidades

<sup>21</sup> LAS CASAS, B. *Único modo de atrair todos os Povos à Verd. Religião*. São Paulo, 2005, p.13.

<sup>22</sup> *Ibid.* p. 14.



fraternas, que chama sempre de ‘comunidades’, inserindo-as em um sistema dominado pela ambição e pelos interesses do poder político, econômico e religioso?”<sup>23</sup>. Suas experiências generosas terminam com um banho de sangue em território venezuelano, onde os índios acabam assassinando os colonos.

Eleito Bispo de Chiapas, no México em 1543, continuou a sua obra de evangelização dos indígenas de forma pacífica. Não sendo bem acolhido pelos colonizadores, por causa de sua postura e das Novas Leis promulgadas pela Coroa, que reconheciam os direitos indígenas. Apaixonado pelos Índios e pela cultura deles publicou inúmeras obras a favor dos mesmos. Infelizmente, muitas delas só foram redescobertas nos últimos anos. Entre as principais, destaca-se “O único modo de atrair todos os povos à verdadeira Religião” e “Brevíssima Relação de destruição das Índias”. Ele “reconheceu que a luta pela justiça exigia um trabalho profundo sobre as consciências, uma atividade ampla e permanente de pregação para chegar a influenciar os costumes, orientar os responsáveis, criar uma nova cultura e mudar o próprio sistema”. Retornou para a Espanha em 1547 e nunca mais voltou para a América. Lá corrigiu e publicou seus escritos. Todavia, em 1552 as suas obras foram censuradas e proibidas de leitura. Morreu aos 92 anos de idade no convento dominicano de atocha. Além dos Franciscanos e Dominicanos, chegavam à América, os padres da Companhia de Jesus no Brasil em 1549, no Perú 1567, no México em 1572 e na Nova França ( hoje Estados Unidos e Canadá) em 1611.

### 3.1 O CONCÍLIO DE TRENTO E A COMPANHIA DE JESUS

Martinho Lutero, em 31 de outubro de 1517, publicou na Alemanha as 95 teses sobre as Indulgências e outros temas que julgava ser importantes para uma reforma na Igreja. A publicação recebeu uma dura reação do Papa e do governo da Igreja, tanto que em 1520, o Papa Leão X assinou a Bula que ameaçava de excomunhão a Martinho Lutero. A excomunhão realmente veio a acontecer em três de janeiro de 1521. Era o início da Reforma Protestante. Este fato gerou uma divisão religiosa e política no Sacro Império. O parlamento de Nuremberg, através de seus representantes, exigiu do Imperador a convocação de um Concílio Ecumênico capaz de superar a grave crise. O Imperador Carlos V, desejava que o Concílio acontecesse na cidade de Trento, visto que a mesma estava situada no Reino Alemão. Acordados o Imperador e o Papa, o mesmo Concílio foi convocado para o verão de 1542. Todavia, irrompeu neste período a guerra entre França e Alemanha, sendo somente iniciado em 13 de dezembro de 1545, durando até 1563.

O Concílio de Trento não conseguiu cumprir a tarefa que lhe foi inculcada pelo Imperador, no sentido de restabelecer a unidade da Igreja. No entanto, delineou claramente a concepção de fé Católica frente à Reforma Protestante. Em 1564 os decretos conciliares foram homologados pelo Papa Pio IV e, em 1566, seu sucessor, Pio V, divulgou o Catecismo estatuído pelo Concílio, bem como outras normas litúrgicas. Graças ao Concílio e suas medidas duras de barrar o avanço do Protestantismo, a Igreja Católica reformulou suas práticas de atuação e evangelização. A este movimento dá-se o nome de Contrarreforma. Foi em meio a tais

---

<sup>23</sup> Ibid. p. 15.





acontecimentos que surge na Europa em 1534, um novo carisma, liderados por Inácio de Loyola e companheiros, denominando-se “Companhia de Jesus”, vulgarmente chamados de “Jesuítas”. Esta Ordem Religiosa foi aprovada pelo Papa Paulo III em 1540. Além de professarem os votos de pobreza, obediência e castidade, os Jesuítas professam também o voto de obediência irrestrita ao Papa, colocando-se à sua disposição onde ele mais precisasse.

O objetivo deles era de ajudar as almas a atingir o destino para quais foram criadas, e levar o catolicismo para regiões recém-descobertas, principalmente na América. Loyola percebeu que para realizar objetivo tão elevado, era necessário criar escolas para a alfabetização e catequização dos novos fiéis.

A confiança que os Jesuítas inspiraram nos reis ibéricos se deve ao grande prestígio que em poucos anos adquiriam pelo seu dinamismo e sólida formação teológica e cultural. Estava aberta assim, a porta de um trabalho missionário muito bem organizado e planejado que irá se desenvolver no mundo inteiro, graças à ação da Companhia de Jesus até a sua dissolução em 1773 pelo documento pontifício do Papa Clemente XIV, intitulado “Dominus ac Redemptor”.

Voltando ao século XVI, vemos que os Jesuítas na América, desenvolveram uma nova maneira de civilizar e doutrinar os índios através de reduções. Estas eram aldeamentos de indígenas próximo dos povoados, com o objetivo dos indígenas terem mais contato com os europeus cristãos e, assim, serem mais bem doutrinados. Assim, mudava-se a forma de catequização dos indígenas: de missionários itinerantes para missionários das reduções.

#### **4. JESUÍTA JOSÉ DE ACOSTA NA AMÉRICA ESPANHOLA**

O jesuíta castelhano José de Acosta, nasceu em Medina del Campo em 1540 e faleceu em Valladolid no ano de 1600. Foi um jesuíta, antropólogo e naturalista espanhol que desempenhou importantes missões na América. Após estudos e ordenação Sacerdotal em 1566, foi enviado como missionário na terceira missão dos jesuítas no vice-reinado do Peru. As suas principais atribuições certamente eram religiosas. Colaborou com o vice-rei Francisco Álvarez de Toledo e realizou um importante trabalho missionário, chegando a ser provincial da Companhia de Jesus no Perú. Seu trabalho o obrigou a fazer várias viagens entre 1573 e 1578 para estes territórios, visitando cidades como Arequipa, Cuzco, Chuquisaca, Juli, La Paz e Potosi.

Em 1575 e 1576, Acosta escreveu seu Tratado Missionário intitulado “De Procuranda Indorum Salute”, ao qual antepôs uma espécie de prefácio sobre a natureza americana intitulada “De Natura Novi Orbis”. Em 1586 foi enviado para a Nova Espanha, onde permaneceu por um ano, regressando finalmente para a sua Pátria, a Espanha. Lá editou suas primeiras obras.

Ambos os textos foram impressos em Salamanca em 1588. O segundo deles, parcialmente reelaborado e traduzido em castelhano, passou a converter-se depois em dois livros iniciais da “História Natural e moral das Índias”, cuja primeira edição apareceu em Sevilha em 1590. No Tratado dos sete livros, os quatro primeiros são dedicados a “história natural” e os três últimos a “história moral, ou seja, “os costumes e feitos dos índios”. Para escrevê-los Acosta utilizou as observações que tinha reunido durante mais de duas décadas na América, assim como materiais procedentes de Juan de Tovar



acerca de México e os de Juan Polo de Odegardo e Luis Capoché sobre o Peru<sup>24</sup>.

Acosta também viajou a Roma e lá imprimiu alguns tratados em latim. Lá participou da V Congregação Geral da Companhia de Jesus. Regressado a Valladolid para pregar e ensinar, imprimiu seus melhores sermões em Salamanca. Requisitado por seus compatriotas, foi eleito reitor do colégio em Salamanca, aonde veio a falecer em 1600.

## 5. ACOSTA E A SALVAÇÃO DOS INDÍGENAS

Os jesuítas, desde a sua chegada ao Novo Mundo, participavam de toda a obra missionária em qualquer território de colonização. Uma das grandes dificuldades era a comunicação com os indígenas, pois havia muitos idiomas e muito que aprender da vida, costumes e tradições dos indígenas. Sobre estas questões, o jesuíta Jose de Acosta dedicou todo um livro do tratado De Procuranda Indorum Salute para tentar explicá-los. Inserido nos contextos do Concílio de Trento (1545-1563), procurou aplicar as suas resoluções junto aos indígenas. Tendo sido escolhido como conselheiro do Terceiro Concílio de Lima de 1583, foi designado a confeccionar um Catecismo trilingue (Castelhano-Aymara-Quéchuá), publicado em 1586. Acosta estava convencido que a finalidade da doutrina cristã era conhecer a Cristo. Todavia, a experiência do contato com os indígenas mostrava-se bem mais complexa do que pensava. Fazia-se necessário conhecer a religião dos indígenas para lhes poder anunciar de forma mais eficaz o Evangelho.

### 5.1 A RELIGIÃO DOS INDÍGENAS E O ANÚNCIO DO EVANGELHO

Quando os jesuítas chegaram à América imaginaram que os indígenas não possuíam religião. Com o passar do tempo, perceberam que não só eles possuíam uma religião como estavam fundados numa complexa rede organizativa social com leis, ritos, lendas, costumes e práticas primitivas. Os nativos, antes da descoberta, estavam organizados em sociedades muito bem desenvolvidas, constituindo-se em grandes civilizações pré-colombianas como os Maias, Incas e Astecas e, onde a religião, fazia parte integrante deste sistema. Para Acosta, os indígenas sofriam de uma enfermidade idolátrica hereditária, contraída já no seio de sua mãe, robustecida com o exemplo do pai e da família, fortalecida com as leis e os costumes locais. Acosta estava convencido que a missão e a catequização dos índios, até aquele momento, não tinha conseguido um resultado satisfatório. Era necessário partir para um novo modelo de missão. Fazia-se necessário utilizar todos os meios de conhecimento para persuadir os índios desse mistério.

O missionário estava espantado que no meio de milhares de índios batizados, talvez não encontrasse ninguém que realmente conhecesse a Cristo, ou como os habitantes de Éfeso que respondem para São Paulo: “nem sequer sabíamos que existe um Espírito (Cristo)!” (At 19,2). Assim, a grande tarefa do catequista e evangelizador era anunciar, ensinar e fazer conhecer a

---

<sup>24</sup> <[http://es.wikipedia.org/wiki/Jose\\_de\\_Acosta](http://es.wikipedia.org/wiki/Jose_de_Acosta)> Acesso em 03dez2015.



Cristo. Mas, a grande pergunta que o jesuíta se fazia na segunda metade do século XIV era se estes indígenas poderiam se salvar sem o conhecimento de Jesus Cristo?

## 5.2 OS INDÍGENAS PODEM SALVAR-SE SEM O CONHECIMENTO DE CRISTO?

Analisando as práticas religiosas dos indígenas e a dificuldade deles crerem em Jesus Cristo como único salvador, Acosta se questiona sobre a possibilidade de salvação destes mesmos indígenas. Esta pergunta é pertinente, pois havia estudiosos da época, principalmente ligados à escola de Salamanca, que pregavam esta doutrina.

Questionava-se a possibilidade de salvação destas pessoas, pelo fato de não terem conhecimento de Jesus Cristo até aquele momento. Perguntava-se também, se eles poderiam se salvar com apenas os conhecimentos que tinham até então, e que Deus, que é tão bom e misericordioso, privaria estes povos da salvação? Um primeiro grupo de autores que respondeu a estas questões fundamentava-se no fato de que estes infiéis, mesmo sem ter fé, poderiam salvar-se através de um conhecimento exclusivamente natural. Aqui encontramos o pensamento de Domingo de Soto. Outro grupo de pensadores afirmava que sem fé ninguém se salva; porém que por necessidade de salvação, não se precisaria conhecer pela fé nada mais do que se pode entender pela via natural. Ensinavam que o homem pode e deve voltar-se a Deus, e quando o faz, instantaneamente recebe a graça da justificação. Daí deduz que não fazia falta conhecer outra coisa do que o bem honesto, tal e como essa geração pode conhecê-lo. Nesse sentido, Acosta conclui que, se assim é verdade, de que não precisaríamos conhecer a Cristo para a salvação, e que não teria sentido o anúncio do Evangelho e o trabalho missionário.

Sobre o conhecimento de uma fé implícita, pela via natural, pode-se atestar a necessidade de conhecer uma fé explícita pela mediação em Jesus Cristo. Assim, Acosta conclui que o conhecimento de Cristo é necessário para todos aqueles para o qual a fé é predicada, e que os que tenham ouvido a fé, não podem salvar-se sem o conhecimento deste mistério. Da mesma forma, emerge um princípio que nenhum católico pode negar:

Que a todos los católicos sin excepción le obliga el precepto divino de conocer expressamente el misterio de Cristo, y que ninguno de aquellos a quienes se predica el evangelio, puede llegar a la salvación y justicia ante Dios, so no es por la fé explícita em Cristo.<sup>25</sup>

Faz-se necessário anunciar o mistério de Cristo a todas as pessoas, mesmo se tratando de pessoas rudes e sem muita formação intelectual, ou até de certa forma, selvagens nas suas atitudes. Esta é a missão recebida de Jesus Cristo e confiada à Igreja (Mt 28,19-20). Mesmo sem muita compreensão, faz-se necessário ensinar aos indígenas, que de algum modo possam compreender, que Deus se fez homem, e esse homem é Cristo, dizia Acosta. Perceber estas coisas com o pensamento não é uma coisa impossível para o ser humano. Todos deveriam saber que o Filho de Deus se fez homem, morreu e ressuscitou. Finalmente, todo aquele que é

---

<sup>25</sup>ACOSTA, Jose de. *De Procuranda Indorum Salute..* p.189.



julgado digno da fé cristã recebida no batismo, sem a qual não há justiça e salvação, deve procurar conhecer o mistério de Cristo.

## 5.3 O CONHECIMENTO DAS VERDADES CRISTÃS FUNDAMENTAIS

Tentar conhecer e compreender os mistérios de Cristo não é tarefa fácil ao cristão, pois o nosso conhecimento é limitado frente à grandiosidade do mistério. Todavia, certa compreensão faz-se necessária. Da mesma maneira pensava Acosta quando se interroga sobre quais seriam as verdades de fé que um indígena deveria saber e professar antes de ser batizado. E quando em perigo de morte, o que se deve exigir? Na compreensão de Jose de Acosta, podemos dizer que as verdades da nossa fé cristã estão centradas no Mistério de Cristo, da Trindade e da Igreja, e, esses três, estão contidos nas três partes do Símbolo Apostólico, a saber: sobre a natureza divina, na primeira parte, atribuindo-se ao Pai; o que corresponde à realização e ordem de nossa redenção, na segunda, e corresponde a Jesus Cristo; e quanto se relaciona à graça e a santificação dos fieis, a terceira, referindo-se ao Espírito Santo.

No Concílio de Laodiceia, ocorrido em 364 d.C., em seu capítulo 46, já se orientava que compete aos Bispos ou Padres que recitem o Símbolo antes de realizarem o batizado de seus fieis. Do mesmo modo, exorta Acosta que todos devem conhecê-lo. E mais:

Conforme a la tradición apostólica y antigua, nadie es bautizado en la Iglesia de Cristo si habiéndole preguntado, primero, si cree em Dios Padre y em Jesucristo hijo de Dios y en el Espíritu Santo, no responde que sí cree firmemente.<sup>26</sup>

Mas, no dizer dos rudes ou sem compreensão, o que se pode exigir? A estes, se têm algum juízo, se perguntará se creem e estes irão responder. Não se pergunta tudo, mas do básico que precisam saber. Deve-se exigir que ao menos cressem no Pai, no Filho e no Espírito Santo, como a religião cristã os venera. Os catequistas devem explicar também aos indígenas, o mistério da Igreja, que é a comunidade de homens que professam a Cristo e sua doutrina, e que está presente no mundo inteiro. Em segundo lugar, devem os catequistas ensinar que a Igreja é Apostólica e Santa, porque provém de Deus. E, finalmente, que a porta para entrar na Igreja é o sacramento do batismo, que nos dá o perdão de nossos pecados. Que, para os já batizados, existem ainda outros sacramentos como a penitência e a eucaristia que auxiliam a viver na graça. Assim, aos párocos cabe à tarefa de ensinar o mistério da Igreja aos novos fieis.

## 5.4 PROBLEMA DA IDOLATRIA NA RELIGIÃO DOS INDÍGENAS

Após o contato com os indígenas da segunda metade do século XVI, o jesuíta José de Acosta constata que, pior que o modelo de evangelização e doutrinação dos indígenas utilizados até

---

<sup>26</sup> Ibid. p. 249.



aquele momento e que não tinha surgido efeitos, era o problema da sua inclinação à idolatria, ao qual chamava de pior de todos os males. Percebia que a vida dos indígenas estava marcada por ritos, costumes, práticas, magias e superstições. Expressava-se assim:

No se regocijan en sus bodas ni lloran en sus entierros, no dan o reciben banquetes, no salen siquiera de casa no comienzan el trabajo sin celebrar algún sacrilégio pagano. Tan oprimidos tiene el demônio sus sentidos com miserable esclavitud! Com cuanta desvergüenza pierden el seso em ellas, quando creen que no lo impedirán. Esa cosa me assombra, pero que apenas puedo explicar de palabra.<sup>27</sup>

Realmente, os indígenas do Novo Mundo, exerciam um grande conhecimento de astrologia e de elementos da natureza aos quais os divinizavam: astros, plantas, animais, troncos, pedras... No Perú, também cultuavam o sol e o trovão: “Al sol llaman Punchao, y al trueno, Illapa. Tambien adoran, como hacían os Caldeos, a Quilla, es decir, a l aluna; a Cuillor, o sea, a los astros, y a la tierra Pachamama y el mar Mamacocha”<sup>28</sup>. Havia ainda, o culto a seus reis e antepassados aos quais os imortalizavam através do processo de mumificação de seus corpos, fato que chocou os missionários. Ainda, o que mais intrigava o missionário Acosta, era a prática de “Las guacas” no Perú, ou seja, espécie de altar de sacrifício pré-colombiano, utilizado para sacrifícios, principalmente de crianças até dez anos de idade, onde eram derramados o seu sangue ou que eram enterradas ou afogadas nelas. Estas práticas foram consideradas pelos missionários como abomináveis. O escritor Polo de Ondegardo escreveu que nas imediações de Cuzco haviam mais de trezentos e sessenta “guacas” e a todas eram prestados honras pelos indígenas, com oferendas e metais preciosos e, até, o derramamento de sangue de inocentes.<sup>29</sup>

Do mesmo modo, atesta Acosta que as práticas idolátricas e superstições eram mais encontradas em comunidades indígenas maiores e mais desenvolvidas e menos encontradas em comunidades menores. Assim, se delineava que o objetivo dos missionários era curar e exterminar estas práticas das comunidades indígenas, para torná-las mais cristãs.

## 5.6 REMÉDIOS PARA CURAR A IDOLATRIA DOS INDÍGENAS

Frente a todas estas práticas dos indígenas, classificadas como idolatria, Acosta está convencido que para curá-las faz-se necessário um remédio amargo, ou seja,

Todas las imágenes y guacas y demás representaciones plásticas de las supersticiones de los índios que se pueda encontrar, quitárselas a fuerza y destruirlas a sangre y fuego. Y como encontrarlas? Si los índios se niegan a confessar, hay que recurrir a los azotes para que descubran los ídolos. Esse proceder no fue sólo decisión de uma chusma de soldados, sino dictamen piadoso de qualquer sacerdote especialmente documentado y cualificado.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Ibid. p. 249.

<sup>28</sup> Ibid. p. 255.

<sup>29</sup> Ibid. p. 259.

<sup>30</sup> Ibid. p. 249.



Porém, esta prática pode ser aplicada em indígenas já cristianizados, mas não para os ainda não convertidos. Para estes últimos, está convencido que se fizerem isto de forma violenta, não só imprimirão ainda mais a idolatria em sua alma, como também reforçará o ódio contra a religião cristã. Da mesma forma que não se pode obrigar a ninguém a ser cristão, dever-se-ia, primeiro, tentar tirar o ídolos dos corações antes que dos altares. Ao citar Bartolomeu de Las Casas, célebre missionário que pregava a evangelização sem violência, e que dizia que

Toda la idolatria podia ser muy fácil arrancarla de raíz, si com sabiduría y suavidade se enseñaba a los jefes naturales de los índios la inconsistência de sus dioses, y con razón y autoridade, con llaneza y benevolência y con toda clase de buenos ofícios, se les lograba convencer para que despreciasen a sus ídolos y se encargaran de destruirlos. Ellos, a su vez, convencerían sin ningún esfuerzo a la gente llana de lo que ellos pensaban y les harían hacer lo que ellos quisieran.<sup>31</sup>

Para realizar este fim de acabar com a idolatria, os catequistas devem primeiramente, procurar tirá-la dos corações dos reis e chefes do povo, não recorrendo a difíceis conceitos filosóficos ou teológicos, mas com argumentos simples e fáceis de compreender. Devem ser repetidas muitas vezes até serem gravadas na alma dos indígenas. Acosta orienta que para persuadir os chefes dos indígenas podem ser utilizados três argumentos satisfatórios e de fácil compreensão: Em primeiro lugar, partindo-se da natureza e substância dos deuses gentios que são feitos de madeira, pedra ou metal. Estes são fabricados por mãos humanas e por isso não podem ser cultuados como deuses. No caso de corpos celestes e elementos naturais, estes são criados por um Deus maior. Em segundo lugar, apela-se para a impotência e ignorância dos ídolos que não podem defender-se e nem mover-se por conta própria, frente aos ataques do fogo ou destruição. O terceiro argumento é o mais importante: a proteção divina nos assuntos humanos. Pode-se apelar para os tempos de guerra, de fome, de sofrimentos e enfermidades em que estes ídolos não podem ajudar em nada os seres humanos. Da mesma sorte aparecem os espíritos perversos. De nada podem ajudar o ser humano.

Ao contrário, deve-se ensinar aos indígenas quem é o verdadeiro Deus, supremo e sempiterno artífice de todas as coisas, que sem saber adoram e que os missionários O anunciam. Convém também, ensinar a diferença entre Deus e seus ministros, os seus anjos e os demônios e suas artimanhas e superstições. Por fim, o principal cuidado dos sacerdotes deve ser de tirar os ídolos do coração, dos seus olhos e das formas de viver de seus ouvintes, através do ensinamento e da exortação. Quanto àqueles que já são cristãos, os sacerdotes não podem tolerar em nenhum momento as superstições pagãs.

Qualquer tipo de idolatria que se descubra, deve ser perseguida e destruída toda a imagem dos seus ídolos. Para conseguir tal fim, pode-se usar, se necessário, o poder político ou da autoridade, a não ser que o governante preveja que seja inconveniente. Acosta sugere que no lugar das superstições dos índios, os catequistas e sacerdotes procurem incentivar os novos convertidos o uso de práticas cristãs como a água benta, as imagens cristãs, o santo rosário e as orações utilizadas nas missas.

---

<sup>31</sup> Ibid. p. 263.



## CONCLUSÃO

Bartolomeu de Las Casas mostra-se um homem de razão, ação e de coração. Verdadeiro modelo para os cristãos de nosso tempo. Enfrentou com coragem, determinação e habilidade os problemas históricos sociais no desafio da relação entre a Espanha e os indígenas, entre colonizadores e o povo considerado ‘escravo’ e desprovido de direitos.

Na sua obra o ‘*Único modo* de atrair todos os povos à verdadeira religião’ trata da questão da persuasão da fé pelo entendimento da inteligência, bem como, pela exortação da vontade com um rol de argumentos para justificar com muita propriedade sua teoria. Trata da questão de forma didática, profunda, realista e ampla. Propõe novos caminhos e uma nova forma de evangelizar que iam contra a cultura da colonização e aos interesses de sua época. Las Casas nos legou um testemunho de catolicidade estreita em que nasceu e de que conseguiu se desvencilhar quanto ao essencial.<sup>32</sup>

A originalidade maior de Las Casas está no caráter universal de sua argumentação, da liberdade como fundamento da fé e da religião. Reconhece que antes de estarem convencidos da verdade do Evangelho, os Índios devem ser não apenas tolerados mas respeitados e aceitos na prática de sua religião tradicional como todos os seres humanos.<sup>33</sup> Na defesa de uma atitude pela busca racional e livre, articula exigências da razão e da fé para capacitar a compreensão da atitude religiosa na sua complexidade e na pluralidade o que se relaciona sobremaneira com a teologia de nosso tempo. Tanto é que Las Casas chegou a uma visão ampla e profunda que só encontrará uma expressão doutrinal e pastoral completa e oficial no Concílio Vaticano II. Las Casas foi um teólogo muito além de seu tempo, tendo sua doutrina florescido séculos depois.

Consideramos a importância de nosso estudo tanto para conhecer a relevante contribuição de Bartolomeu de Las Casas no contexto Latino Americano como para o pensamento teológico de sua época e de hoje. O sentido dado por Las Casas para a persuasão da fé está relacionado à transmissão da mesma de forma que seja próxima ao entendimento do ouvinte. As pessoas em tempo de secularização poderiam ser chamadas de “indígenas de nosso tempo” por isso a forma de persuasão defendida por Las Casas possui plena aplicabilidade em todos os tempos para reconhecer a verdade no anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo.

O jesuíta José de Acosta era um homem de seu tempo, que pretendia cumprir com zelo e obediência as orientações de seus governantes, sejam eles religiosos ou civis. Utiliza os meios que havia disponíveis na ciência e na religião para a realização desta missão. Ao mesmo tempo, percebia que algo precisava ser feito para a salvação destes indígenas no Novo Mundo. Na tentativa de civilizar os indígenas, de acordo com os padrões europeus, percebeu que os mesmos precisavam primeiramente ser catequizados. Procura orientar os missionários que, na doutrinação dos indígenas, os mesmos usassem um catecismo que fosse simples e comum na linguagem do povo, persuadindo as lideranças a abandonar a idolatria e professar a fé no Deus Cristão. Para tanto, editou um Catecismo trilingue em Espanhol, Aymara e

---

<sup>32</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*. p. 49.

<sup>33</sup> CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair os povos a verdadeira religião*. p. 49.



Quéchua. Conhecido o Deus verdadeiro, poderia dedicar-se a ensinar aos indígenas o amor ao próximo e suas consequências na vida em sociedade.

## BIBLIOGRAFIA

- ACOSTA, Jose de. *De Procuranda Indorum Salute*. Colección Corpus Hispanorum de Pace, Volume XXIII. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1984, p.74-243.
- \_\_\_\_\_. *De Procuranda Indorum Salute*. Colección Corpus Hispanorum de Pace. Volume XXIV. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1987, p. 177-353.
- BERKENBROCK, Volney J. Fé cristã plural: a chance do retorno à catolicidade. *Atualidade Teológica*. Rio de Janeiro, v.46, p.81-103, jan/abr.2014. ISSN 1676-3742.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.
- CASAS, Bartolomeu de Las. *Único modo de atrair todos os povos, à verdadeira religião*. Obras Completas I. Josaphat, Carlos (org.) São Paulo: Paulus. 2005.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Cidade do Vaticano, 1962-1965. *Unitatis Redintegratio*. In: VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 309-332.
- CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993, p.23-33; 405-435.
- EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo: Paulus, 1993.
- FERNANDEZ, Manuel Gimenez. *Bartolomeu de las Casas. Volume I. Delegado de Cisneros para la reformacion de las Indias*. Sevilha: Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla. 1953,
- FERNANDEZ, Manuel Gimenez. *Breve Biografía de fray Bartolomé de Las Casas*. Sevilha: Facultad de Filosofia y Letras. 1966
- GALMÉS, Lorenzo. *Bartolomeu de Las Casas: defensor dos direitos humanos*. São Paulo: Paulinas. 1991.
- GIBELLINI, Rosino. *Breve Historia da Teologia do Século XX*. Aparecida, São Paulo: Editor Santuário, 2010.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Em busca dos pobres de Jesus Cristo: o pensamento de Bartolomeu de Las Casas*. São Paulo: Paulus, 1995.
- INSTITUTO DE COOPERACIÓN IBEROAMERICANA. EN EL QUINTO CENTENARIO DE BARTOLOMÉ DE LAS CASAS. Madri: Ediciones Cultura Hispánica, Instituto de Cooperacion Iberoamericana. Gráficas Góes – Cea Bermúdez. 1986.
- NASCIMENTO FILHO, Antônio José do. *Bartolomeu de Las Casas, um cidadão universal: uma questão de alteridade com os povos do novo mundo*. São Paulo: Loyola. 2005.
- RUIZ, Rafael. *Francisco de Vitoria e os Direitos dos Índios Americanos. A Evolução da Legislação Indígena Castelhana no Século XVI*. Coleção Filosofia 147. Porto Alegre: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio – EDIPUCRS, 2002, p.21-58.
- <[http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Bulas\\_Alexandrinas](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Bulas_Alexandrinas)>Acesso em: 15 de Jun.de 2016.
- <[http://es.wikipedia.org/wiki/Jose\\_de\\_Acosta](http://es.wikipedia.org/wiki/Jose_de_Acosta)>Acesso em: 13 de Jun. de 2016.
- <<http://www.mcnbiografias.com>. José de Acosta.>Acesso em: 16 de Jun. de 2016.

Recebido em: 13/02/2017

Aprovado em: 25/11/2017